

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v21i38.1171>

CORONAVÍRUS NO CONTINENTE AFRICANO: um panorama sobre os seis primeiros meses da pandemia de Covid-19 ¹

CORONAVIRUS ON THE AFRICAN CONTINENT: an overview of the first six months of the Covid-19 pandemic

CORONAVIRUS SUR LE CONTINENT AFRICA: bilan des six premiers mois de la pandémie de Covid-19

EDGAR BRAGA NETO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3232-1779>

Doutor em Sociologia
Universidade Federal do Maranhão
Bacabal, Maranhão, Brasil.
edgarbraganeto@gmail.com

Resumo: Para a análise dos efeitos da pandemia de Covid-19 nos países africanos, discuto a invisibilidade da África na imprensa brasileira, assim como as crises (econômica, política, ética) provocadas por esse vírus, as relações entre as particularidades do continente africano e o combate ao coronavírus. Esses tópicos resultam da minha investigação sobre os efeitos da pandemia mundial de Covid-19 no continente africano. Os resultados desta análise demonstram que a invisibilidade na imprensa brasileira da pandemia de Covid-19 no continente africano ocorre devido ao racismo estrutural que marca a sociedade brasileira. Além disso, as crises geradas pelo coronavírus no continente africano são as mesmas que atingiram outros continentes. E, apesar das mesmas crises e de haver protocolos mundiais para o combate à Covid-19, há espaço para as particularidades africanas, que ora ajudam, ora atrapalham, a efetivar tal combate.

Palavras-chave: África. Covid-19. Crises.

Abstract: To analyze the effects of the Covid-19 pandemic in African countries, I discuss the invisibility of Africa in the Brazilian press, as well as the crises (economic, political, ethical) caused by this virus; the relationships between the particularities of the African continent; and the fight against coronavirus. These topics result from my investigation into the effects of the global Covid-19 pandemic on the African continent. The results of this analysis demonstrate that the Brazilian press invisibility of the Covid-19 pandemic on the African continent occurs due to the structural racism that marks society in Brazil. Furthermore, the crises generated by the coronavirus on the African continent are the same as those that have hit other continents. And, despite the same crises and the fact that there are global protocols to combat Covid-19, there is space for African particularities which sometimes help, or hinder, carrying out such a fight.

Keywords: Africa. Covid-19. Crises.

Résumé: Pour analyser les effets de la pandémie de Covid-19 dans les pays africains, j'aborde l'invisibilité de l'Afrique dans la presse brésilienne. Tout comme les crises (économiques, politiques, éthiques) provoquées par ce virus. Les relations entre les particularités du continent africain et la lutte contre le coronavirus. Et aussi, les effets du Covid-19 au Mozambique. Ces thématiques résultent de mon enquête sur les effets de la pandémie mondiale de Covid-19 sur le continent africain. Les résultats de cette analyse démontrent que l'invisibilité dans la presse brésilienne de la pandémie de Covid-19

¹ Artigo submetido à avaliação em maio de 2024 e aprovado para publicação em junho de 2024.

sur le continent africain est due au racisme structurel qui marque la société brésilienne. Par ailleurs, les crises générées par le coronavirus sur le continent africain sont les mêmes que celles qui ont frappé les autres continents. Et malgré les mêmes crises et l'existence de protocoles mondiaux pour lutter contre le Covid-19, il reste de la place pour les particularités africaines, qui parfois aident, parfois entravent, à mener une telle lutte.

Mots clés: Afrique. Covid-19. Crises.

Introdução

Durante a pandemia de Covid-19, eram raras as notícias sobre o continente africano na imprensa brasileira. Como professor de história, que lecionava a disciplina de História da África, senti a necessidade de buscar mais informações sobre os efeitos da pandemia nos países africanos. Para saciar a minha sede de notícias sobre como as diferentes nações africanas estavam combatendo o coronavírus, tive que recorrer à mídia estrangeira. Assim, nesta pesquisa, encontrei semelhanças entre o combate à Covid-19 realizado no continente africano e o que estava sendo efetuado no Brasil, sobretudo em relação às dificuldades para se implantarem as medidas de distanciamento social em contextos vulneráveis; e, também, dessemelhanças relacionadas entre o combate ao coronavírus na África e o que vinha sendo realizado nos demais países, principalmente por causa de tradições e costumes africanos. Neste artigo, busco compreender, então, a invisibilidade do continente africano na imprensa brasileira, sobretudo em relação às notícias sobre a pandemia de Covid-19; os efeitos da pandemia nas economias e sociedades africanas; e as particularidades africanas no combate a essa pandemia.

Invisibilidade do continente africano na imprensa brasileira

Quem estuda a história da África e as culturas afro-diaspóricas sabe da invisibilidade do continente na imprensa brasileira. O estudante brasileiro logo identifica a falta de informações robustas sobre os países africanos. Com raras exceções, a mídia brasileira mantém correspondentes no continente africano, como na Copa do Mundo de Futebol de 2010, realizada na África do Sul, e no programa *Nova África*, exibido pela tevê Brasil e apresentado pela jornalista Aline Midlej². Essa realidade é, no entanto, diferente do que acontece na Ásia e na Europa, onde há dezenas de jornalistas brasileiros instalados.

² O programa *Nova África* teve duas temporadas. A primeira temporada do programa, realizada em 2009, pela Baboom Filmes, foi premiada na 7ª edição do prêmio Carmélia da Liberdade, que é oferecido pelo Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (CEAP) às instituições de ensino, órgãos do poder público,

Assim, no que toca à cobertura da pandemia de Covid-19 no continente africano, não houve surpresas: só os mais entusiasmados com a suposta “restauração da humanidade”, causada pela pandemia, poderiam supor que a mídia brasileira daria visibilidade aos países africanos. Isso ficou evidente em meados de fevereiro de 2020, quando a Covid-19 chegou à África, pois, enquanto nos telejornais, portais de notícia e imprensa escrita, as informações sobre os efeitos da pandemia nos países africanos eram escassas e superficiais, havia uma cobertura ampla sobre os efeitos da pandemia em países como China, Estados Unidos, França, Inglaterra e Itália.

Diante da invisibilidade da África, foi difícil acompanhar a epidemia no continente. Tive assim que procurar artigos sobre a África em sites franceses, ingleses e africanos. Nesse exercício, duas fontes merecem destaque: notícias dos projetos da organização não governamental e internacional “Médicos Sem Fronteiras”, que estão disponíveis na internet, e, também, matérias do canal “Radio France”, que trazem informações atualizadas dos 54 países do continente.

Essa dificuldade da pesquisa logo se transformou em problemática. Sendo assim, a problemática que identifiquei, da falta de informação sobre a pandemia de Covid-19 no continente africano, também foi identificada pela professora Ivana Barreto, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e seus alunos, do projeto de extensão Humanidades. Sendo organizado por professores e alunos do curso de Jornalismo da UFRRJ, o Projeto Humanidades fez amplo levantamento de dados dos portais G1, UOL e Folha de São Paulo. Ivana Barreto (2020) apresenta, então, os resultados dessa pesquisa no artigo *A invisibilização da África na cobertura da mídia brasileira*.

No portal G1, por exemplo, que é um dos sites de notícias mais acessados do país, as matérias sobre a pandemia de Covid-19 na África foram superficiais, sendo, muitas vezes, mera reprodução de notícias das agências internacionais. Além disso, nas poucas matérias que abordaram tal temática, havia erros de cobertura e imprecisões. Assim, de acordo com Barreto (2020), esse portal reproduziu um olhar colonizador sobre a África, característica essa não só dele, mas também dos demais portais pesquisados. Ivana Barreto (2020) discutiu sobre essa atitude colonizadora, ao comentar a matéria *Escassez de produtos frescos deve afetar Europa em meio a paralisações por coronavírus*, do G1 (reproduzida da *Reuters*), que demonstrava como o fechamento das fronteiras na África afetaria o abastecimento de produtos frescos na Europa. Essa matéria mostrou, claramente, que a preocupação era com o conforto dos países

européus, e não com a economia dos países africanos. Ao veicular essa matéria, o G1 compartilhou não somente a informação, mas também o pensamento colonizador da *Reuters*.

Em geral, o que temos é um comportamento racista e excludente da imprensa brasileira, que, como lembra Barreto (2020), “incorpora preconceitos”, “não divulga informações sobre a África” e não “evidencia o recorte racial das consequências da Covid-19 no Brasil”. A falta de informações sobre a pandemia de Covid-19 no continente africano é, portanto, reflexo de nosso racismo estrutural, que ocorre, segundo Silvio de Almeida (2021, p. 50), quando:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. [...] O racismo é estrutural. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças nas relações sociais, políticas e econômicas³.

Esse racismo estrutural é alicerçado por um “preconceito racial dissimulado e assistemático”, resultante de um cristianismo, que teve que apoiar, de forma conflitiva com seus princípios (“situação ambígua”), a instituição da escravidão, fazendo com que os cristãos rejeitassem a existência de um preconceito que justificasse essa instituição. Formou-se, então, a tendência que ainda hoje influencia a sociedade brasileira: um preconceito contra o preconceito, ou o “preconceito de não ter preconceito”, como descreve Florestan Fernandes (1972, p. 24):

O ‘preconceito de cor’ é condenado sem reservas, como se constituísse um mal em si mesmo, mais degradante para quem o pratique do que para quem seja sua vítima. A liberdade de preservar os antigos ajustamentos discriminatórios e preconceituosos, porém, é tida como intocável, desde que se mantenha o decoro e suas manifestações possam ser encobertas ou dissimuladas [...].

Nesse sentido, silenciar sobre a atual pandemia no continente africano é compatível com esse preconceito racial dissimulado, que foi reconhecido por Florestan

³ Contrário a essa formulação de Almeida, o sociólogo Muniz Sodré escreve em *Fascismo da Cor*, que, em vez de racismo estrutural, o que existe no Brasil é uma *forma social escravista*. Para ele a forma brasileira é diferente do racismo estrutural americano, que traça uma linha divisória entre claros e escuros a partir da *one drop rule*, isto é, a regra que basta uma gota de sangue imaginariamente “negro” para fazer emergir a separação, qualquer que seja a gradação cromática da pele. Diz Muniz Sodré (2023, p. 256): “Aqui se construiu uma armação original para tergiversar, por meio de uma razão ambígua, sobre a inserção dos ‘escuros’ na cidadania ‘clara’. A depender do ponto de vista ocupado pelo indivíduo numa escala cromática idealizada, o ponto de vista racial pode alargar-se para afetiva e imaginariamente lhe ‘branquear’ a cor da pele. Na dialética do espaço social brasileiro, a brancura é negociável”.

Fernandes (1972). Assim a imprensa brasileira não se declara racista, porquanto o racismo, que está instalado nas redações, é do tipo que não se afirma racista, mas que nega a existência do outro. É o racismo dissimulado do Brasil, cuja intolerância não se dá pela propaganda hostil, mas sim pela rejeição do continente africano⁴.

O racismo dissimulado é tema de piadas de famílias, acontece na privacidade das residências, está escrito nas paredes dos banheiros públicos, por parte de anônimos etc. No entanto, os tempos mudaram: o indivíduo racista, o qual acha que a África é um país, que identifica a cultura afro como coisa de escravo e que culpa os africanos pela escravidão, sente-se, atualmente, mais livre para exibir o seu racismo nas ruas e nas redes sociais, em razão da escalada da extrema-direita no Brasil. O ex-presidente Bolsonaro, que é declaradamente racista, deu impulso a esse indivíduo, que só fazia discurso de ódio em casa⁵. Todavia, tanto a versão “oculta” do racismo quanto a “revelada” desfazem o mito da democracia racial. Desse modo, a histórica mestiçagem, um dos elementos formadores do que Gilberto Freyre (2011) chama de “democracia social e étnica”, não consegue velar o racismo atual, que causa a morte da juventude negra nas periferias das grandes, médias e pequenas cidades brasileiras.

A Lei nº 10.639, que determina o estudo de história e de cultura afro-brasileira nas escolas, foi, sem dúvida, um grande avanço, apesar da resistência de parte dos professores⁶.

⁴ “[O Brasil] é um país que gosta de se definir a partir da mestiçagem e da inclusão cultural – presente nos ritmos, nos esportes ou na sua culinária misturada – mas desenvolve um racismo dissimulado, cuja prática inclui o ato de delegar à polícia o papel de performar a discriminação” (Schwarcz, 2019, p. 178).

Em outro livro, a autora, juntamente com a historiadora Heloisa M. Starling, falam assim das permanências do tempo da escravidão na sociedade brasileira: “[...] permanece uma divisão guardada em silêncio por um vocabulário que transforma cor em marcador social de diferença, reificado todos os dias pelas ações da polícia, que aborda muito mais negros do que brancos e nele dá flagrantes. [...] Diante da força policial, não raro os indivíduos assumem um lugar que corriqueiramente optariam por rejeitar. [...] Não basta ser inocente para ser considerado e se considerar culpado. [...] Se na época da escravidão indivíduos negros trafegando soltos eram presos “por suspeita de escravos”, hoje são detidos com base em outras alegações que lhes devolvem sempre o mesmo passado e origem” (Schwarcz; Starling, 2018, p. 92-93).

⁵ Ao configurar o *Homo Bolsonarus*, indivíduo derivado do estrato arcaico da experiência brasileira e que tem como principal característica a violência manifestada pelo código do sertão e pela incidência de linchamentos, Renato Lessa (2020, p. 61) diz, inspirado em Hobbes, que “a incorporação dos representados pelo representante não lhes impõe ou atribui normas e obrigações, mas tão somente a alucinação de que podem agir de maneira livre, dando expressão plena e inculpada a suas pulsões”.

⁶ Vale a pena consultar a tese de Rachel Rua Bakke, *Na escola com os orixás: o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da lei 10.639*. Bakke (2011) acompanha a efetivação da lei em cursos de formação e nas escolas, notando as tensões e negociações sobretudo em torno do ensino das religiões de matriz afro. A resistência de pais, alunos, professores e escolas ainda é significativa acerca das religiões afro-brasileiras, como fica evidente nos boicotes às aulas de história e na classificação negativa dessas religiões, classificando-as de “macumba”. O estudo demonstra que isso acontece porque a escola ainda se apresenta como espaço de reprodução do Brasil como “cadinho das três raças”, recolocando “[...] a cultura negra nos seus locais tradicionais de expressão, o do exótico ou o do lúdico”. Nesse sentido Bakke (2011, p. 206) afirma: “[...] percebemos que de uma maneira geral, a mobilização desses símbolos religiosos, como símbolos étnicos, não tem conseguido, de maneira efetiva, promover transformações na representação hegemônica sobre o negro.

Após quase duas décadas de execução dessa importante lei, percebe-se, principalmente entre os jovens negros, uma maior identificação com as culturas afro-diaspóricas, seja no modo de se vestir (uso de batas, capulanas, turbantes), seja na maneira de cortar ou pentear os cabelos (tranças, *black-power*, *dreadlocks*), seja nas músicas que escutam (rock africano, afrobeats, reggae, afrobeat etc).

Outro exemplo disso é a busca de informações sobre a pandemia de Covid-19 no continente africano. Foram muitas as pesquisas a respeito do termo “Coronavírus África”, como demonstra a plataforma Google Trends. Assim, nos últimos meses, o Brasil tem ocupado o terceiro lugar em relação à busca desse termo: isto é, tem sido crescente o interesse pela África entre os brasileiros. Tais mudanças resultam, em parte, do trabalho de conscientização que é realizado pelos professores de história e ciências sociais nas escolas.

Mas, em razão da força do racismo na sociedade brasileira, a imprensa não acompanha tais mudanças, porque ela está focada na América do Norte (EUA), na Ásia e na Europa, denegando nossas ligações políticas, econômicas e culturais com a África. Apesar da proximidade com o continente africano e da importância da matriz africana para a cultura brasileira, essas empresas jornalísticas ignoram os povos africanos num contexto de pandemia mundial, e essa sua ação comprova, de modo suficiente, o seu racismo. Dessa forma, a invisibilidade da África durante a pandemia de Covid-19 na imprensa brasileira configura-se como mais uma prova do racismo dissimulado, mas estrutural, da sociedade brasileira.

Um giro pela África

As crises provocadas pela Covid-19 ocorreram em todas as sociedades que foram atingidas pelo surto epidêmico. Entretanto, os impactos socioeconômicos de tais crises variaram de acordo com a capacidade de resistência, que cada sociedade atingida teve para enfrentá-los. Em alguns países, esses impactos foram reduzidos, com notável rapidez, através de medidas bem-sucedidas de seus governos, como na Nova Zelândia. Já em outros países, tais impactos agravaram os problemas internos, como na Líbia. Entre essas questões gerais produzidas, ou agravadas, pelo vírus, destaco as da recessão, negacionismo, ataques à liberdade de imprensa e violência doméstica.

Com efeito, o coronavírus provocou uma grave crise econômica. Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), a pandemia mundial de Covid-19 causou a maior

Elas têm caminhado muito mais no sentido de essencialização de identidade afro-brasileira do que promover uma reflexão dos processos políticos de sua construção”.

recessão mundial desde a depressão de 1929. Assim o FMI afirmou que o Produto Interno Bruto (PIB) global teve uma queda de 5,3% no ano de 2020.

Assim, a recessão não demorou a chegar aos países da África. Um setor da economia, que foi fortemente atingido pelo coronavírus, foi o de transporte aéreo. Da mesma forma que a Latam Airlines e a TAP Air Portugal, as empresas africanas lutaram contra o risco de falência. Em três meses, o setor perdeu 8 bilhões de dólares, quando as empresas aéreas foram forçadas a aterrissar os seus aviões por causa da pandemia. No continente africano, a crise foi tão grave que dois milhões de empregos ficaram sob a ameaça de desaparecer na indústria de transporte aéreo.

Devido a essa crise, pedidos de falência de empresas aéreas se acumularam em seus respectivos países. E, se os governos não organizassem rapidamente um plano de recuperação econômica para as empresas, os aviões dificilmente voltariam a decolar. Além dos dois milhões de empregos ameaçados, a crise econômica do setor significou a perda de 56 bilhões para as economias africanas (Mateso, 2020).

Também em razão da crise econômica, o Egito solicitou a assistência financeira ao FMI. Através do Instrumento de Financiamento Rápido (RFI) e do Acordo de Standy-By (SBA), o Egito buscou apoiar os setores mais afetados de sua economia. Tais instrumentos são usados em situações de emergência para financiar a balança de pagamentos dos países em crise. De fato, a economia do Egito estava arrasada: a indústria de turismo, que era uma das mais importantes do país, entrou em colapso, devido ao fechamento das fronteiras aéreas e terrestres (Egito [...], 2020).

No Egito, à época, uma a cada três pessoas estava vivendo abaixo da linha da pobreza. No Cairo, a situação era gravíssima: as pessoas não tinham dinheiro para comprar as máscaras de proteção contra o vírus. Por causa da falência das empresas, o desemprego cresceu e atingiu 12 % da população. E a assistência alimentar do governo só atendeu a 3 milhões de pessoas, ou seja, apenas 10% das pessoas que realmente precisavam do auxílio.

Na África do Sul, a situação não foi muito diferente do que aconteceu no Egito, e as medidas de contenção agravaram a crise econômica. O país ficou conhecido por organizar um isolamento social militarizado, que era controlado pelo exército nas ruas, e que, por isso, foi considerado um dos mais rígidos do mundo (Fernandes, 2020). Assim, o isolamento sul-africano foi marcado por forte invasão na vida dos indivíduos, e isso ocorreu em virtude da proibição da venda de bebidas alcoólicas e de cigarros.

Embora tenha aliviado os hospitais com a diminuição dos acidentes e das internações provocados pelo consumo de álcool e de cigarros, tal medida desferiu duro golpe na economia do país, principalmente nas indústrias de vinho e de tabaco. A indústria de vinho, impedida de realizar as suas vendas no mercado interno, também teve a sua exportação prejudicada, em virtude do fechamento das fronteiras aéreas e terrestres. Com isso, 18 mil empregos foram perdidos, havendo, ainda, o risco de até 80% das vinícolas fecharem (Afrique [...], 2020)⁷.

No tocante à venda de cigarros, a indústria de tabaco travou com o governo verdadeira contenda, que ficou conhecida como a “guerra dos cigarros”. Nos tribunais, o governo defendeu a proibição da venda de cigarros, alegando que os 11 milhões de fumantes do país corriam maior risco de desenvolver formas graves de Covid-19, podendo, assim, sobrecarregar a rede de hospitais. A indústria de cigarros contradizia o governo, denunciando que a interdição era contraproducente e perigosa, pois as pessoas saciavam o seu vício no mercado ilegal, onde não havia controle sanitário sobre os cigarros. Desse modo, os industriais resistiram à proibição do comércio do seu produto que, além de passar por rígido controle sanitário, rendia milhões ao fisco. Eles estimavam que o Estado já tinha perdido 15 milhões de euros com essa interdição (Bargelès, 2020).

Outro aspecto que chama a atenção na África do Sul foi a distribuição de carne de caças, sobretudo de antílopes para a população pobre, que vivia e trabalhava nos arredores dos parques nacionais, onde eram realizados os famosos safáris. Devido à falta de turistas no contexto da pandemia, a maioria das pessoas que trabalhavam no setor do turismo perderam seus empregos. Sem renda desde o início do confinamento e sem a ajuda oficial, essa população passou a enfrentar sérias dificuldades para garantir os seus meios de sobrevivência, tendo apenas como proteína animal a carne dos antílopes, que era fornecida por particulares. O abate dos animais servia não apenas para matar a fome das pessoas, mas também para regular certas espécies da fauna local. Portanto, centenas de antílopes eram abatidos semanalmente para serem distribuídos nas favelas que ficavam próximas aos safáris (Covid [...], 2020).

Como nas crises do sistema econômico, os impactos da recessão gerada pelo coronavírus atingiam mais os desfavorecidos nas sociedades africanas, sejam os moradores das favelas sul-africanas, sejam os pequenos produtores de tabaco do Malauí. Em 2020, o

⁷ Durante a escrita deste artigo, o governo sul-africano chegou a liberar a venda de bebidas alcoólicas, mas diante da superlotação dos hospitais, voltou a proibi-la em 12 de julho, apesar da insatisfação de comerciantes e donos de bares, que classificam a medida de draconiana e alegam que ela vai aumentar o desemprego no país.

Malauí era um dos maiores produtores de tabaco do mundo. O tabaco representava 13% do PIB do país e 23% da sua base de impostos. A dependência do tabaco tornava-se mais grave devido ao embargo econômico que o país sofria dos EUA, em razão da presença do trabalho infantil no campo. Além dessa dificuldade, os pequenos produtores de tabaco reclamavam do distanciamento social imposto pelo governo, visto que tal medida os impedia de ir aos leilões, onde o preço do produto era fixado. Por causa dessa medida, eles acusavam o governo malauí de querer beneficiar as companhias multinacionais de cigarros, que eram os principais compradores do produto (Deveaux, 2020).

Na República Democrática do Congo (RDC), a situação de miséria já estabelecida fazia com que a Covid-19 fosse um problema distante. Como parte da população congoleza não tinha água nem sabão, ela não podia lavar as mãos. Aliás, ela não conseguia sequer comprar alimentos. Essas adversidades deixavam os congolezes mais suscetíveis a epidemias, que se espalhavam pelo país, como, por exemplo, a do ebola, que recentemente ceifou a vida de milhares de pessoas na província do Kivu do Sul. Segundo os médicos sem fronteiras, essa situação deixou as pessoas acostumadas às epidemias, e, por isso, elas não se preocupavam com o coronavírus, pois era só mais uma epidemia no leste do Congo (Mwinyi, 2020).

Em Moçambique, o primeiro caso positivo de Covid-19 registrado ocorreu no dia 22 de março de 2020. Logo depois o vírus se espalhou por todo o país, principalmente na cidade de Maputo, na província de Maputo e na de Cabo Delgado, que rapidamente se tornaram os grandes focos da doença (Guambe, 2020, p. 63). E um dos principais focos de disseminação da Covid-19 estava localizado no acampamento da petrolífera francesa Total, em Afungi, no norte da província de Cabo Delgado (Guambe, 2020, p. 63-64).

Os economistas sabiam que a crise sanitária provocada pelo SARS-CoV-2 iria devastar a economia moçambicana. Previam que tal crise traria mais prejuízos que a crise econômica vivida no ano de 2014 e os impactos causados pelos ciclones tropicais Iдай e Keneth. Assim com a Covid-19, a relação comercial com a China (um de seus maiores parceiros comerciais) ficaria prejudicada. Tanto as importações quanto as exportações, estabelecidas com a República Popular da China, seriam atingidas pela crise provocada pelo coronavírus, prejudicando sobremaneira o suprimento das necessidades internas (Mussagy, 2020, p. 2-3).

O setor de turismo foi um dos primeiros a sentir os efeitos da pandemia. De acordo com a Confederação das Actividades Económicas (CTA), esse setor “[...] sofreu perdas no volume de reservas de Janeiro a Março de 35%, 45% e 65%, respectivamente” (Guambe, 2020, p. 74). E, segundo a CTA, o fechamento de estabelecimentos turísticos

causou a perda de 3.511 postos de trabalho. Tais perdas se concentraram principalmente na turística província de Inhambane (Guambe, 2020, p. 76).

Devido à necessidade de isolamento social para o combate ao vírus, o setor informal da economia foi o mais atingido. Diante do tamanho do setor informal e da vulnerabilidade das pessoas que nele estavam inseridas, a pandemia se tornou um grande desafio para as autoridades. Enquanto, para as autoridades, havia a necessidade de proibir a venda de um simples pão com badjia nas ruas de Maputo, para os informais, havia a necessidade de ir para as ruas vendê-lo. De acordo com Mussagy (2020, p. 3), era difícil manter os trabalhadores informais em suas casas, e a crise nesse setor levaria tumulto às cidades, pois esse era o grupo mais vulnerável da economia nacional:

Este grupo [...] não possui um poder de compra real ou níveis de poupança que permitam um consumo deferido sustentado. A maior parte dos negócios aqui são, infelizmente, os chamados ‘ganho-ganho’, somente servem para retirar o rendimento para fazer face as despesas de consumo diário. E é com esses receios que se pode pressagiar uma onda de instabilidade social derivada das situações indesejadas onde grande parte dos pequenos comerciantes começarão a desfazer suas bancas, lojas, próximos aos mercados informais, levando consigo os seus produtos e os armazenando em locais seguros onde não sejam vandalizados ou não acarretam custos com rendas de imóveis.

Em razão disso, o governo enfrentou sérias dificuldades para executar as medidas de distanciamento social. Com grande número de pessoas ocupadas na informalidade, o mercado informal funcionava normalmente, embora houvesse restrições. Problema semelhante ao que se encontrava nos países subdesenvolvidos, como o Brasil⁸. Todavia, a tensão entre trabalho informal e distanciamento social foi mais grave em Moçambique, pois o governo não organizou nenhum programa que amparasse as pessoas nos seus domicílios, como fez o Estado brasileiro diante de tamanha calamidade. Como muitas delas dependiam do trabalho informal, essa questão se tornou um dilema para a sociedade moçambicana (Matias, 2020)⁹.

⁸ Em Moçambique, tal como no Brasil, a pobreza aumentou significativamente durante todo o período da pandemia. Nos seis primeiros meses de pandemia, ainda era cedo para acompanharmos as taxas de consumo e de pobreza no país africano, mas, atualmente, há diversos trabalhos acadêmicos que atestam uma redução do consumo e, por consequência, aumento das taxas de pobreza. Isso ocorreu principalmente nas zonas rurais, mais vulneráveis a choques externos (ver, por exemplo, Barletta *et al.*, 2022).

⁹ Mesmo assim, as medidas governamentais contra a Covid-19, especialmente as de isolamento social, acabaram causando sérios impactos na saúde pública – na prevenção e tratamento de outras doenças, como também em relação aos partos, que deixaram de ser realizados em hospitais e passaram a serem feitos em casa. Nesse período, os partos domésticos tiveram aumento significativo, aumentando assim a chance de morte das mães e das crianças. Os partos em casa eram feitos por parteiras reconhecidas pelas comunidades, prática essa tradicional em Moçambique. Além disso, a saúde das crianças e dos adolescentes restou prejudicada. Faltou,

Além dos efeitos da pandemia nas economias locais e na vida dos mais pobres, havia o problema do negacionismo da Covid-19 na África, problema esse que, lamentavelmente, tornou-se de abrangência global. Das autoridades que minimizavam os efeitos da Covid-19, havia o bufão John Magufuli, presidente da Tanzânia. Desde o início da pandemia, ele não permitiu que o comércio, as escolas e o setor de transportes fossem paralisados: tais setores continuavam funcionando regularmente, como se não houvesse uma crise sanitária. Em junho de 2020, Magufuli disse, após um culto, que a pandemia tinha sido eliminada do seu país, porque Deus tinha ouvido suas orações e as de seus compatriotas, eliminando assim o coronavírus da Tanzânia (Gbadamassi, 2020).

O fenômeno do negacionismo também foi responsável por fazer as pessoas na República Democrática do Congo gritarem: “*corona eza te*”! Ou seja: “não há corona”! Assim a mídia local e os sobreviventes da Covid-19 se esforçavam para sensibilizar as pessoas que não levavam a sério o coronavírus, não respeitavam as medidas sanitárias e não seguiam as orientações de saúde à risca.

No contexto da pandemia, ataques à liberdade de imprensa também foram frequentes nos países africanos, tal como acontecia nos países que eram regidos por governos autoritários. A crise econômica atingiu, assim, a indústria da mídia na África, que vinha sofrendo cortes drásticos no orçamento, por causa da queda na receita da publicidade. No Quênia, alguns meios de comunicação cortaram pela metade o salário de seus colaboradores, e, para debelar a crise do setor, o governo anunciou a criação de um fundo histórico de 900 mil euros. Nesse sentido, a situação de dependência dos meios de comunicação para com os governos aumentava a interferência política na imprensa. Aliás, uma parte expressiva dos países africanos criaram leis que criminalizavam a disseminação de informações falsas sobre a pandemia: leis essas que, em vez de combater a desinformação sobre o surto do coronavírus, eram utilizadas pelas autoridades para subjugar a imprensa.

Na Nigéria, onde o governo perseguia as mídias, inúmeros jornalistas foram processados por crimes não graves (Abou Ez, 2020). Em Madagáscar, a imprensa estava sujeita aos ditames da informação oficial, pois o governo malgaxe forçava a mídia a divulgar os anúncios das autoridades sobre a pandemia, disseminando assim mensagens de propaganda. Além disso, ele aproveitava a situação de emergência para impor censura à imprensa, como no caso da contaminação de médicos por Covid-19 em Toamasina. Nenhum

portanto, por parte das autoridades públicas, instruir a população para que não deixasse de buscar atendimento médico para outras enfermidades ou acompanhamento de gestação durante a pandemia de Covid-19 (Pires *et. al.*, 2021).

jornalista pôde falar sobre tal caso, porque havia o receio de ser preso por espalhar informações falsas.

Na pandemia havia, ainda, o crescimento das taxas de violência doméstica, principalmente a violência doméstica contra as mulheres. De fato, houve uma “explosão” dos vários tipos de violência doméstica no mundo. A Nigéria foi particularmente afetada por esse tipo de violência. Segundo a ONU, nesse país da África ocidental, uma em cada 4 mulheres foi estuprada antes dos 18 anos. Para os nigerianos, a violência doméstica era, portanto, um flagelo que devia ser enfrentado (La crise [...], 2020). Já a África do Sul foi o país que registrou a maior taxa de feminicídio do mundo: na pátria de Mandela, uma mulher era assassinada a cada três horas. Durante o relaxamento do confinamento, a violência doméstica contra as mulheres foi intensificada. Diante de tal situação, o presidente Cyril Ramaphosa se pronunciou, escrevendo em sua carta semanal que era um momento “sombrio” e “vergonhoso” para o país, e que ele estava preocupado com o recrudescimento das mortes de mulheres, sendo urgente que seus concidadãos denunciassem toda a violência sexista à polícia (Coronavirus [...], 2020b).

Essas foram, portanto, as crises geradas ou agravadas pelo coronavírus que se manifestaram, de forma intensa, nos países africanos. Tais crises foram sentidas em todos os lugares atingidos pela pandemia, não sendo, pois, problemas localizados somente no continente africano.

Foco nas particularidades africanas

Apesar de ignorada pela mídia brasileira, a luta dos países africanos contra a pandemia do Covid-19 foi eficaz: mais eficaz do que a promovida pelo Brasil. Agora essa resistência ao surto de Covid-19 não se configurou como excepcional, uma vez que ela só se justificava em comparação aos números da pandemia em outros lugares. Portanto, diferentemente do que pensava a Organização Mundial da Saúde (OMS), não houve “uma hecatombe” com a chegada da Covid-19 no continente africano.

Nesse sentido, pode-se dizer que o número de mortes foi relativamente baixo nos primeiros seis meses de pandemia. Em todo o continente, havia pouco mais de 10 mil mortes. Para efeito de comparação, somente nesse período o estado do Rio de Janeiro registrou mais mortes que toda a África, com 11 mil vítimas da Covid-19. No tocante aos casos confirmados de Covid-19, enquanto o Brasil tinha mais de 2 milhões de casos, havia 740 mil casos em todo o continente africano. A pandemia de coronavírus tinha evoluído lentamente nos países

africanos, sobretudo quando suas estatísticas eram comparadas com as dos demais países do globo, como, por exemplo, o Brasil. Assim, os números sobre a África impressionam, especialmente porque o continente é o segundo mais populoso do mundo, com 1,2 bilhão de habitantes.

Diante desses números, surge uma questão: por que a África tinha resistido a esse vírus mortal? Três hipóteses foram levantadas para resolvê-la. A primeira diz que esse sucesso no combate ao coronavírus se deve à experiência da África com epidemias. O continente enfrentou, e enfrenta, severas epidemias de malária, tuberculose, cólera, HIV e ebola. Por causa do ebola, alguns países africanos tinham, por exemplo, uma infraestrutura de detecção nos aeroportos: assim, “[...] o surto de ebola ensinou à África a importância de detectar casos rapidamente, tratar os contaminados e isolar comunidades” (Paredes, 2020). Segundo os defensores da proposta, a expertise em lutar com surtos epidêmicos deu a África segurança e eficácia para conter a Covid-19.

A segunda hipótese defende que a pouca infecção na África era causada pela baixa circulação existente entre os países do continente e o restante do mundo. Sendo a África o continente menos globalizado, isso teria diminuído a circulação de pessoas infectadas de outros continentes nos países africanos. Sem dúvida, o fenômeno da globalização impulsionou o contágio do vírus, espalhando-o, rapidamente, por todas as regiões do mundo. Foi por isso que, na pandemia, os aeroportos internacionais tinham sido portas de entrada do coronavírus em vários países. E, conforme os que elaboraram essa hipótese, o baixo fluxo de voos para o continente africano teria sido um fator importante na redução das taxas de contágio por Covid-19.

A última hipótese seria a do fator demográfico. A demografia podia ter influenciado na resistência ao vírus. Como é o continente com a população mais jovem do mundo, e como o vírus acomete mais os idosos, o fator demográfico podia explicar o ainda baixo número de mortes nos países africanos.

Mas, independentemente do que estaria por trás do sucesso no controle dessa pandemia, as autoridades médicas afirmavam que ainda era cedo para falar de uma “exceção africana”, ou seja, o continente africano teria sido, dentre o conjunto dos continentes, o único que conseguiu ter êxito no controle da pandemia de Covid-19 (Paredes, 2020).

Nesse contexto de emergência, a medicina tradicional também se configurou como uma particularidade do continente africano. A medicina popular, transmitida pela

tradição oral, ganhou destaque no combate à Covid-19¹⁰. É a epistemologia dos curandeiros tradicionais contra a epistemologia do Norte global¹¹. Assim os curandeiros combateram o coronavírus com chá de ervas, frutas, verduras, especiarias etc. Diariamente, surgiam remédios caseiros contra o coronavírus e, por vezes, os chás dos curandeiros ganhavam fama pelo país e acabavam sendo adotados pelos governos como medida de saúde pública. Em Madagáscar, o presidente Andry Rajoelina promoveu, durante combate ao coronavírus, o “Covid organics”¹², um chá amargo, a base de artemísia. A artemísia tinha eficácia cientificamente comprovada no tratamento da malária, mas não havia estudos que comprovassem que a planta também fosse eficaz contra o coronavírus. Entretanto, o remédio defendido pelo governo malgaxe era distribuído por todo o país. O chá era obrigatório nas escolas para as crianças e adolescentes, posto que não havia evidências que provassem sua eficácia contra o coronavírus (Com deficiências [...], 2020).

Uma tradição que também podia influir de forma negativa na luta contra a Covid-19 acontecia nas zonas rurais da República Democrática do Congo. Em tais zonas, as pessoas não deixavam de se cumprimentar sem apertar as mãos, sobretudo os mais velhos das aldeias. Os médicos da região reclamavam de tal costume, mas, ao mesmo tempo, sabiam que não podiam impedir os mais velhos de fazê-lo. Saudar uma pessoa sem o aperto das mãos significava, nas zonas rurais, uma ofensa, por isso se evitava tal saudação. Assim, o governo congolês devia combater certos costumes para efetivar as medidas de distanciamento social (Mwinyi, 2020).

Em Moçambique, para justificar o trabalho na rua em plena pandemia, existia uma crença que a doença do coronavírus era uma doença de europeus (entenda-se de brancos, da elite). Essa crença dificultava o controle da epidemia e a efetivação das medidas de isolamento (quarentena) e distanciamento social. Então, parte dos moçambicanos não encarava a pandemia como um problema real, uma vez que o vírus não tinha origem africana, chegava por importação ao continente, e, na África, diferentemente do que aconteceu na América, na Ásia e na Europa, ele não tinha sido tão letal. Tal crença foi utilizada como uma tática pelos indivíduos, de forma consciente ou não, para continuar trabalhando nas ruas de Maputo, que continuavam repletas de trabalhadores informais (Matias, 2020).

¹⁰ Sobre a importância da tradição oral nas sociedades africanas, ver Hampaté Bâ (2010), e também, Vasina, (2010).

¹¹ Sobre essa tensão social, ver Santos e Menezes (2010).

¹² O Covid Organics continua sendo distribuído pelo presidente Rajoelina, apesar de contrariar as orientações do seu Ministro da Saúde, Ahmad Ahmad, como indica esta matéria da Radio France (Coronavírus [...], 2020a).

Considerações finais

Neste artigo, busquei traçar um quadro amplo da pandemia de Covid no continente africano. Procurei nele trazer notícias de todas as regiões do continente. Das questões que me chamaram a atenção, organizei-as em três eixos: a invisibilidade da África na imprensa brasileira; as crises geradas pelo vírus, que se desenrolaram em todos os lugares atingidos pela pandemia; e as particularidades dos países africanos no combate à epidemia. Identifiquei, portanto, que a falta de informações sobre o contexto da pandemia no continente africano é reflexo do racismo estrutural, que marca a sociedade brasileira. Além disso, demonstro como as crises causadas, ou agravadas, pela pandemia têm transformado as economias e sociedades africanas. Um exemplo disso podemos acompanhar em Moçambique, onde houve aumento da pobreza, redução do consumo, diminuição do atendimento médico-hospitalar, receio das autoridades com a possibilidade de tumultos nas cidades e resistência às medidas de isolamento social. Tais crises foram comuns a diversos países que foram atingidos por esse vírus, tais como: recessão, negacionismo, ataques à liberdade de imprensa e o aumento da violência doméstica, não sendo, portanto, atributos somente dos países africanos. No Brasil, por exemplo, havia um presidente negacionista, que atacava a imprensa; grande recessão atingindo os mais pobres; e o aumento significativo da violência doméstica e de feminicídios, que atingiram a trágica marca de 1.350 casos somente em 2020.

E, ademais, chamei a atenção para as particularidades das sociedades africanas (econômicas, demográficas, sanitárias, culturais e tradicionais) no combate ao coronavírus. Algumas delas foram exitosas na luta contra essa pandemia mundial: o combate à fome da população sul-africana com carne de caça, a experiência acumulada no combate às epidemias, que fez com que muitos países africanos adotassem uma infraestrutura de detecção de agentes patogênicos nos aeroportos etc. Já outras dificultaram a implantação das medidas de controle e prevenção do coronavírus, tais como a crença de que a Covid-19 era doença de branco europeu em Moçambique e o cumprimento fraterno na República Democrática do Congo.

Diante disso, fica a lição de que temos muito o que aprender com os países africanos. O Brasil, ligado culturalmente à África, deve olhar com mais cuidado para esse continente. Sem dúvida, essa ação o ajudará a se conhecer mais e a superar o racismo entranhado em sua sociedade.

Encerro este pequeno artigo, com as palavras de Peter Tosh, que consciente de sua africanidade, dizia em sua música “Mama África”: “*Long time me no see you, Mama/They try their best to hide you, Mama/But I search and I find you*”¹³.

Referências bibliográficas

ABOU EZ, Eléonore. Les hommes qui “fermente les yeux” sur les violences faites aux femmes sont complices, souligne Amina J. Mohammed. *France Info*, 24 jun. 2020. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/kenya/la-crise-du-covid-19-frappe-la-presse-africaine-de-plein-fouet_4003207.html Acesso: 11 jun. 2020

AFRIQUE du Sud: la filière viticole secouée par la chute brutale des ventes d’alcool liée à l’épidémie. *France Info*, 22 jun. 2020. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/economie-africaine/afrique-du-sud-la-filiere-viticole-secouee-par-la-chute-brutale-des-ventes-d-alcool-liee-a-lepidemie_4017603.html Acesso em: 24 jun.2020

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

BARGELÈS, Claude. Em Afrique du Sud, le gouvernement et les fabricants de cigarettes s’affrontent sur fond d’épidémie de coronavirus. *France Info*, 11 jun. 2020. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/sante/maladie/coronavirus/en-afrique-du-sud-le-gouvernement-et-les-fabricants-de-cigarettes-s-affrontent-sur-fond-d-epidemie-de-coronavirus_3984171.html Acesso em: 15 jun. 2020.

BARLETTA, Giulia *et al.* The impact of Covid-19 on consumption poverty in Mozambique. *Journal of International Development*, v. 34, n. 4, p. 771-802, 2022.

BAKKE, Rachel Rua Baptista. *Nas escolas com os orixás: o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da lei 10.639*. 2011f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARRETO, Ivana. A invisibilização da África na cobertura da mídia brasileira. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, p. 1-5, 19 maio 2020.

COM deficiências, africanos apelam a curandeiros contra a Covid-19. *Diário do Nordeste*, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/mundo/com-deficiencias-africanos-apelam-a-curandeiros-contra-a-covid-19-1.2237549>. Acesso: 27 jun. 2020.

CORONAVIRUS: à Madagascar, le ministre de la Santé appelle à l’aide internationale tandis que le président vante les mérites d’une tisane. *France Info*, 22 jul. 2020a. Disponível: <https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/madagascar/coronavirus-a-madagascar-le->

¹³ “Faz muito tempo que não te vejo, Mamãe/Eles dão o melhor de si para te esconder, Mamãe/Mas eu procuro e te encontro”.

Outros Tempos, vol. 21, n. 38, 2024, p. 381-398. ISSN: 1808-8031

[ministre-de-la-sante-appelle-a-l-aide-internationale-tandis-que-le-president-vante-les-merites-d-une-tisane_4052927.html](#). Acesso em: 22 jul. 2020.

CORONAVIRUS en Afrique du Sud: vague de viols et de meurtres sordides de femmes après l'assouplissement du confinement. *France Info, Agencie France-Presse, Reuters*, 21 jun. 2020b. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/societe-africaine/coronavirus-en-afrique-du-sud-vague-de-viols-et-de-meurtres-sordides-de-femmes-apres-l-assouplissement-du-confinement_4009731.html. Acesso em: 25 jun. 2020.

COVID-19 en Afrique du Sud: faute de touristes, des antilopes finissent dans l'assiette des plus démunis. *France Info*, 2 jun. 2020. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/afrique-du-sud/covid-19-en-afrique-du-sud-faute-de-touristes-des-antilopes-finissent-dans-l-assiette-des-plus-demunis_3986579.html. Acesso 3 jun. 2020.

DEVEAUX, Jacques. Le coronavirus ferait chuter les cours du tabac au Malawi. *France Info*, 24 jun. 2020. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/malawi/le-coronavirus-ferait-chuter-les-cours-du-tabac-au-malawi_4020097.html. Acesso em: 25 jun. 2020.

EGITO respondeu rápido à Covid-19, diz diretora do FMI. *Agência de notícias Brasil-Árabe*, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://anba.com.br/egito-respondeu-rapido-a-covid-19-diz-diretora-do-fmi/>. Acesso: 10 jun. 2020.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FERNANDES, Walesca. Como a África está enfrentando o coronavírus: No país como maior índice de casos de Covid-19 no continente, África do Sul, adota medidas rígidas e militarizadas. *Brasil de Fato*, 17 abr. 2020. Política, Internacional. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2020/04/17/como-a-africa-esta-enfrentando-o-coronavirus>. Acesso em: 1 jun. 2020.

FREYRE, Gilberto. *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Global editora, 2011.

GBADAMASSI, Falila. Magufuli, Dieu et le Covid-19: chronique d'une gestion opaque de la pandémie en Tanzanie. *France Info*, 13 jun. 2020. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/tanzanie/magufuli-dieu-et-le-covid-19-chronique-d-une-gestion-opaque-de-la-pandemie-en-tanzanie_4005071.html. Acesso: 13 jun. 2020.

GUAMBE, José Júlio Júnior. Efeitos da Pandemia de Covid-19 sobre o turismo na África subsaariana e em Moçambique. *AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos*, v. 3, n. 3, p. 59-78, out. 2019.

HAMPATÊ BÃ, Amadou. A tradição viva. In: *HISTÓRIA Geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. São Paulo: UNESCO, 2010. p. 167-212.

LA CRISE du Covid-19 frappe la presse africaine de plein fouet. *France Info, Agencie France-Presse*, 11 jun. 2020. Disponível em:

Outros Tempos, vol. 21, n. 38, 2024, p. 381-398. ISSN: 1808-8031

https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/kenya/la-crise-du-covid-19-frappe-la-presse-africaine-de-plein-fouet_4003207.html. Acesso em: 11 jun. 2020.

LESSA, Renato. Homo Bolsonaro: de como nasceu e se criou o confuso e perigoso animal artificial que encarna momentos arcaicos da sociabilidade brasileira. *Revista Serrote*, São Paulo, Edição Especial, p. 46-67, jul. 2020. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2020/07/serrote-edicao-especial/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MATIAS, Leonel. COVID-19. Distanciamento social é um dos principais desafios de Moçambique. *Deutsche Welle*, 18 jun. 2020. Notícias, Moçambique. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/covid-19-distanciamento-social-%C3%A9-um-dos-principais-desafios-em-mo%C3%A7ambique/a-53864194>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MATESO, Martin. Coronavirus en Afrique: Des licenciements à des niveaux jamais atteints s'annoncent dans le transport aérien. *France Info*, 24 jun. 2020. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/economie-africaine/coronavirus-en-afrique-des-licenciements-a-des-niveaux-jamais-atteints-s-annoncent-dans-le-transport-aerien_4019053.html. Acesso em: 26 jun. 2020.

MUSSAGY, Imbraimo Hassane. *Os efeitos da Covid-19 em Moçambique: a economia em ponto morto*. Beira: UCM, 2020.

MWINYI, David Walubila. Se eles sequer têm comida, por que teriam sabão? *Médicos sem Fronteiras*, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/se-eles-sequer-tem-comida-por-que-teriam-sabao/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

PAREDES, Norberto. Coronavírus: o que está por trás da aparente resistência da África à pandemia. *BBC News – Brasil*, 12 maio 2020. Mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52626740>. Acesso em: 2 jun. 2020.

PIRES, Paulo Henrique das Neves Martins *et al.* Covid-19 pandemic impact on maternal and child health services access in Nampula, Mozambique: a mixed methods research. *BMC Health services research*, v. 21, n. 1, p. 1-8, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. *Brasil: uma biografia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

VASINA, J. A tradição oral e suas metodologias. In: *HISTÓRIA Geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. São Paulo: UNESCO, 2010. p. 139-166.